



Antonio Krisnas

*Artista Plástico, desenhista e
roteirista de Quadrinhos, educador e pesquisador*

E-mail: krisnasbrazil@yahoo.com.br

Olá amigos, sejam bem vindos!

Kabeça Urbana a partir de agora abre as portas do Quiosque da Memória. Aqui será o nosso posto de trocas... é isso mesmo, não se espante, aqui iremos trocar lembranças, memórias, informações, opiniões, comentários, sugestões e o que mais for importante para o resgate da memória afro-brasileira.

Kabeça Urbana propõe a criação do quilombo virtual, um Conselho de Griots...por que não? Precisamos conhecer o passado para melhor planejar o futuro!

Quem são os Griots?

Os Griots também chamados Akpalo, assim como os sacerdotes de Ifá, os Baba lawô, desempenham importante papel social e religiosos sendo bibliotecas viventes ou armazéns peripatéticos do saber e do conhecimento. Transmitindo as novas gerações a essência do Conhecimento e Tradição da Cultura African a.

Memória Histórica - Porque cultivá-la?

Em entrevista à coluna “Ciência”(O Globo, 2ª edição – Domingo, 18 de março de 2007), o neurologista Fernando Cendes, professor da Unicamp, afirma que a nossa memória é seletiva, armazenada de maneira fragmentada :

“... Duas ou três pessoas observando o mesmo fato terão, memórias diferentes, porque ela é seletiva, depende de sua biografia, seu estado de humor, seu interesse por aquele assunto. Pensamos o futuro a partir de fragmentos da memória passada. ”

Se seguirmos por este caminho e raciocinarmos um pouco, veremos que não será preciso dar asas à imaginação para constatar que o cultivo da memória afro-brasileira precisa de cuidados constantes para que floresça em toda sua grandeza como pilar e matriz da Cultura Nacional.

Num mundo globalizado canibalescamente capitalizado, mergulhado em violência e cinismo, a importância de assumirmos o manto de guardiões da memória tornou -se cada vez mais dramática, tendo em vista o “andar da carruagem”, percebemos que nos transformamos em espectadores de um teatro de horrores com uma população infanto -juvenil perdida neste palco interativo, sendo que em sua esmagadora maioria são jovens afro -descendentes que precisam conhecer toda a história de luta, dor, sangue e vitórias de nossos antepassados, nossos heróis e heroínas, muitos deles esquecidos ou ocultos pelas brumas da História.

Para encerrar, transcrevo um trecho da palestra proferida na Biblioteca Nacional de Angola, em Luanda, a 20 de abril de 1989, por ocasião da visita de Abdias do Nascimento a esse país, na qualidade de consultor da UNESCO, com o objetivo de auxiliar na formação do teatro angolano:

“...Com vistas à obliteração da memória do afro-brasileiro e à imposição sobre ele de noções, conceitos e valores estranhos, em nenhum nível de ensino jamais se implantaram cursos sistemáticos de cultura e história africanas. Quando se fala em nossas escolas de História Universal, obviamente está-se referindo à história da Europa. E as crianças negras, desde as primeiras letras, aprendem a se autodesprezar : não encontram nem nas aulas nem nos livros didáticos nada que fale do que foram e fizeram seus antepassados, nenhuma referência à família negra, aos fundamentos africanos na construção da nacionalidade brasileira. Em

contrapartida, a criança branca se vê retratada dignamente nos livros escolares, na situação oposta à da criança negra, o que naturalmente cria na criança branca um óbvio sentimento de superioridade. E é assim sutilmente, atuando nos refulhos mais íntimos da criança e dos adolescentes, que o racismo à moda brasileira vem operando há séculos e praticando um verdadeiro genocídio da raça negro-africana no país. Genocídio de que têm sido também vítimas as populações indígenas. Caso o negro perdesse a memória do tráfico e da escravidão, ele se distanciaria cada vez mais da África e acabaria perdendo a lembrança do seu ponto de partida. E esse ponto de partida é o ponto básico: quem não tem passado, não tem presente e nem poderá ter futuro. Evocar o tráfico, analisar cientificamente a escravidão, deve constituir para os afro-brasileiros uma obrigação permanente e diária. Não é uma forma de autoflagelação, nem motivo de sentimentalismo piegas. Da mesma forma que o holocausto para o povo judeu, o tráfico e a escravidão fazem parte inalienável do ser total dos afro-brasileiros. Omiti-los de nossa bagagem histórica será o mesmo que amputar nosso potencial de luta libertária, desprezando as lutas e os sacrifícios dos nossos antepassados para que a nossa raça fosse livre e sobrevivesse....”

(Transcrição de parte da palestra “Aspectos da experiência afro-brasileira” – Senador Abdias Nascimento Revista Thot – Pensamento dos povos africanos e afrodescendentes - set/dez 1977)